



# A PANDEMIA DE VÍRUS DO MACHISMO

Nilza Menezes\*  
Naira Pinheiro dos Santos\*\*

Considerando como é comum a doença, a tremenda transformação espiritual que ela traz, as assombrosas terras desconhecidas que se descortinam quando as luzes da saúde se apagam, os ermos e desertos da alma que um brando ataque de gripe revela, os precipícios e prados salpicados de flores coloridas que a mais leve das febres deixa à mostra, os carvalhos antigos e obstinados que o adoecer desenraiza em nós...  
(Virginia Woolf, 2021, p. 19).

## RESUMO

Este artigo parte da observação de memes de cunho machista que circularam nas redes sociais, em especial no *WhatsApp*, tendo por pretexto os constrangimentos impostos pela quarentena decretada durante a pandemia provocada pelo vírus Covid 19. Esses reproduziram representações e violências de gênero em forma de “humor”. Analisamos, em perspectiva de gênero, as ideias veiculadas nas mensagens selecionadas, os assim chamados memes, perguntando-nos se há e qual seria a sua relação com religião. Verificou-se que a articulação entre neoliberalismo, conservadorismo político e religioso observado nos últimos anos no contexto brasileiro, concorreu para a reprodução e reforço de ideias de caráter misógeno, sexista e racista/xenófobo, a fim de garantir a “imunidade” da família tradicional

---

\* Doutora em Ciências Sociais e Religião. Pesquisadora do grupo de pesquisa em Gênero e Religião, Mandrágora\Netmal, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP. Pesquisadora do grupo Raízes do programa de Pós-graduação em Ciência das Religiões da Universidade Federal da Paraíba.

\*\* Doutora em Ciências da Religião, membro do grupo de pesquisa em Gênero e Religião Mandrágora\NETMAL e editora da Revista Mandrágora, do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da UMESP.



e a manutenção da divisão sexual do trabalho. Conclui-se que, ao disseminar tais paradigmas, o conteúdo dos memes selecionados reproduz as violências de gênero que perpassam a construção da família preconizada por grupos religiosos conservadores.

**Palavras-chave:** Gênero; Religião; Redes Sociais; Violência; Pandemia.

## THE MACHISMO VIRUS PANDEMIC

### ABSTRACT

This article starts from the observation of sexist memes that circulated on social networks, especially on WhatsApp, after the constraints imposed by the quarantine decreed during the pandemic caused by the Covid 19 virus. These memes reproduced representations and gender violence in the form of “humor”. We try here to analyze, from a gender perspective, the ideas conveyed in the selected messages, the so-called memes, asking ourselves if there is and what would be their relationship with religion. It was found that the articulation between neoliberalism, political and religious conservatism observed in recent years in the Brazilian context, contributed to the reproduction and reinforcement of ideas of a misogynist, sexist and racist/xenophobic character, in order to guarantee the “immunity” of the family and the maintenance of the sexual division of labor. It is concluded that, by disseminating such paradigms, the content of the selected memes reproduces the gender violence that permeates the construction of the family advocated by conservative religious groups.

**Keywords:** Gender; Religion; Social Networks; Violence; Pandemic.

## LA PANDEMIA DE VIRUS DEL MACHISMO

### RESUMEM

Este artículo se basa en la observación de memes sexistas que circularon en las redes sociales, especialmente en *WhatsApp*, tomando como pretexto las restricciones impuestas por la cuarentena decretada durante la pandemia provocada por el virus Covid 19. Reprodujeron representaciones de género y violencia en forma de “humor”. Tratamos aquí de analizar, desde una perspectiva de género, las ideas transmitidas en los mensajes seleccionados, llamados memes, preguntándonos si existe y cuál sería su relación con la religión. Se encontró que la articulación entre neoliberalismo, conservadurismo político y religioso observada en los últimos años en el contexto



brasileño, contribuyó para la reproducción y el refuerzo de ideas de carácter misógino, sexista y racista/xenófobo, con el fin de garantizar la “inmunidad” de la familia tradicional y el mantenimiento de la división sexual del trabajo. Se concluye que, al difundir estos paradigmas, el contenido de los memes seleccionados reproduce la violencia de género que impregna la construcción de la familia defendida por grupos religiosos conservadores.

**Palabras clave:** Género, Religión, Redes Sociales, Violencia, Pandemia.

## INTRODUÇÃO

Este trabalho é resultado da observação de mensagens recebidas pelas redes sociais logo que teve início a pandemia no Brasil e faz uso principalmente do material que circulou via *WhatsApp*. As mensagens que apareceram nos primeiros dias tinham fortes características misóginas, marcadas por uma cultura machista naturalizada e externando ódio e violência contra as mulheres (Bárbara CONTE, 2005). O ódio externalizado de forma performática comunica, conforme observa Judith Butler (2021), observa que o ódio externalizado de forma performática, comunica uma ideia ou um conjunto de ideias ofensivas, e as coloca em ação. Aqui ela toma forma no processo da pandemia Covid-19, num momento que se assemelha a uma guerra, cuja arma mortal era um vírus.

Quando começaram a circular as notícias sobre a disseminação da pandemia pelo novo coronavírus, em especial no Brasil, no mês de março de 2020, e que se começa a ter informações sobre o fato, assim como as notícias assustadoras, com as imagens e saldos de mortos e as *fake News*, também começaram a circular os famosos memes<sup>1</sup> com referências ao momento social que era vivido. Dadas as condições de contágio e o alto nível de mortalidade, foram tomadas medidas de distanciamento social que exigiram a reorganização de várias áreas da vida cotidiana. A adoção do trabalho e da educação à distância,

---

<sup>1</sup> “No contexto da internet, meme é uma mensagem quase sempre de tom jocoso ou irônico que pode ou não ser acompanhada por uma imagem ou vídeo e que é intensamente compartilhada por usuários nas mídias sociais. O termo foi cunhado pelo zoólogo Richard Dawkins em sua obra *O gene egoísta*, de 1976, para fazer uma comparação com o conceito de gene. Assim, para Dawkins, meme seria “uma unidade de transmissão cultural, ou de imitação”, ou seja, tudo aquilo que se transmite através da repetição, como hábitos e costumes dentro de uma determinada cultura” (Ton TORRES, 2016, p. 60).



intensificaram o contato e as interações sociais entre membros da família vivendo no mesmo domicílio. As atividades nas redes sociais também se intensificaram. Nesse contexto, o fato de os homens terem que ficar em suas casas com suas esposas, começou a ser tratado nos memes como algo muito desagradável, como um sofrimento, uma tortura física e mental. As redes sociais, especialmente *Instagram*, *Facebook* e *WhatsApp*<sup>2</sup>, passaram a veicular, junto com as notícias, os memes, imagens e piadas misóginas, explicitando desprezo, deboche, ódio contra as mulheres.

O trabalho doméstico é usualmente dividido desigualmente no âmbito familiar, sendo socialmente atribuído predominantemente às mulheres (Helena HIRATA, Danièle KERGOAT, 2007). Em face do confinamento, seria de se esperar que, ao menos nessa situação, os homens cooperassem com as tarefas domésticas e é a reação deles diante dessa expectativa que gerou parte dos memes analisados. A necessidade de execução de tarefas domésticas foi retratada pelos homens como se fosse um castigo para eles, e, do mesmo modo, a companhia das esposas como algo pior do que o vírus. Piadas em texto, vídeos ou charges de cunho machista com relação às mulheres passaram a fazer parte do humor cotidiano, e eram reproduzidas, inclusive por mulheres. Vídeos caseiros com as gargalhadas das mulheres ao fundo, indicando que muitas vezes elas mesmas participavam da “produção” da brincadeira violenta.

As mensagens de imagens ou de voz apareciam anônimas, frequentemente as frases eram reproduzidas em diversas montagens, em idiomas diferentes e readaptadas (piadinhas recriadas). Os vídeos feitos por pessoas desconhecidas, ou não identificadas, usavam as imagens de pessoas famosas, ou de pessoas comuns, copiadas sem indicação de fontes, e, dadas como de domínio público, afloraram nas redes sociais como se fossem humor, mas reproduzindo representações sobre as mulheres. Foram disseminadas inclusive por mulheres, uma vez que, conforme observam Ana Colling (2004) e Heleieth Sa-

---

<sup>2</sup> As redes sociais são constituídas de sites e aplicativos através dos quais as pessoas se conectam com um grupo de usuários, pessoas com algum tipo de interesse em comum, familiares, amigos, clientes, dentre outros. O *Facebook* é o líder em número de usuários e é também o que detém as marcas *Instagram* e *Whatsapp*.



ffioti (2004), estas também estão expostas à adesão, interiorização e exteriorização do modelo socialmente construído de relação entre os sexos.

Os memes foram selecionados entre os recebidos por *WhatsApp* no início da pandemia e que circulavam de maneira intensa. Foram feitas também algumas pesquisas no *Google*, tendo memes, pandemia e religião como palavras-chave. Procuramos observar também aqui se havia memes que reproduzissem violências com relação à religião, o que apareceu, muito embora de maneira sutil. Durante a pandemia, cultos, festas religiosas, rituais, foram interrompidos, suspensos, o que causou uma grande angústia. Nos poucos memes em que a religião é abordada, isso é feito com cuidado, usando humor, porém sem deboche grosseiro. Relacionamos isso ao pavor causado pela pandemia e à iminência da morte. Porém, é possível observar que as questões religiosas também foram tratadas em forma de piadas, o que não deixa de conter violência, com caráter de deboche, seja para culpar a Deus, seja para apontar a falta de fé e o castigo divino.

## **AS MENSAGENS E A DESIGUALDADE DE GÊNERO**

As mensagens veiculadas nas redes sociais nos apresentam diversas questões que implicam em reproduções das violências de gênero e desfilaram como se fosse algo muito engraçado, sempre reforçando as assimetrias de gênero e relações de dominação do mundo sexuado e construído de forma binária, conforme a ordem estabelecida e como se essa fosse a ordem natural das coisas (Pierre BOURDIEU, 2005).

A abordagem da sexualidade nos memes revela o machismo ostensivo e o patriarcalismo impregnado na sociedade brasileira. A maior parte do material ao qual tivemos acesso apresenta homens e mulheres rigidamente marcados pelo sexo dado, ou seja, “extremamente marcada pela anatomia dos corpos biológicos, e pela inferioridade e subalternidade sexual”, conforme observa Verbena Laranjeira Pereira (2004, p. 173). É importante observar que o humor permitiu externar concepções extremamente cruéis, possibilitando falar daquilo que está naturalizado, praticado no cotidiano, e que muitas vezes é reforçado de maneira inconsciente por opressores\as e oprimidos\as. Para citar



apenas algumas, a naturalização da dupla moral sexual, o menosprezo pelas mulheres e pela sua sexualidade, transparecem no meme a seguir:

**Situação está grave!**

**Depois de uma semana de confinamento, já tem marido transando com a própria esposa !!!**

Os memes projetaram também a violência da divisão sexual do trabalho doméstico, que é historicamente construído como algo desvalorizado, desimportante, uma obrigação das mulheres que exercem atividades desiguais e subalternas. O desprezo com o qual a sociedade trata a capacidade intelectual das mulheres foi exposto de maneira debochada, em forma de piadinha e sem nenhum pudor.

O Brasil registrou, no período de 1960 a 2010, um crescimento vertiginoso da inserção das mulheres no mercado de trabalho: de duas em cada dez mulheres em 1960, seis em cada dez mulheres passaram a exercer atividade remunerada no mercado de trabalho ou estavam em busca de trabalho em 2010 (Nadya GUIMARÃES, 2020, p. 72). Tal fato, no entanto, não trouxe as mudanças esperadas no que concerne à divisão sexual do trabalho. Como apontam Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007), é a externalização do trabalho doméstico que cumpre a “função de apaziguamento das tensões nos casais burgueses” (2007, p. 602), isentando assim os homens de responderem às demandas por divisão igualitária das responsabilidades domésticas. O conteúdo dos memes evidencia a dificuldade e mesmo a recusa de compartilhamento das responsabilidades domésticas por parte dos homens. Observa-se ali que os homens



passaram a tratar o seu tédio com a vida e as tarefas domésticas com escárnio frente a uma situação já violenta, causada pela doença, à qual se somam todos os transtornos domésticos advindos dela e cuja gestão, de maneira geral, recaiu muito fortemente sobre as mulheres.

Com efeito, no contexto da pandemia embora os homens tenham aumentado eventualmente a sua participação na distribuição das tarefas, verificou-se aumento da carga usual de trabalho das mulheres. Às atividades que anteriormente já eram atribuídas predominantemente às mulheres, como o cuidado de familiares, os afazeres domésticos, o atendimento aos filhos, somaram-se a novidade do *home schooling* e do *home office*, além de uma necessidade neurótica de higienização e de cuidados devido aos riscos de contaminação pelo COVID-19. Ademais, se “a presença habitual da trabalhadora doméstica nos lares de classe média e alta é um traço cultural marcante da organização da vida cotidiana das pessoas mais afluentes na sociedade brasileira, um traço herdado dos tempos de escravidão” (Nadya GUIMARÃES, Helena HIRATA, 2020, p. 154), a necessidade de isolamento social levou à dispensa dessas trabalhadoras, ao menos no início do período de confinamento. E, se por um lado as famílias tiveram que abrir mão dessa “fonte de provisão de cuidados” (Nadya GUIMARÃES, Helena HIRATA, 2020, p. 154), por outro lado um grande contingente de trabalhadoras domésticas, na sua maioria mulheres e de classes desfavorecidas, se viram privadas do sustento e/ou expostas a condições ainda mais precárias de trabalho e ao risco de contaminação.

A pandemia expôs, assim, a vulnerabilidade das famílias e as contradições e conflitos que atravessam as relações de gênero, classe e raça no Brasil. Todo o incômodo dessa situação transparece e é reforçado pelas piadinhas veiculadas nos memes. Dadas como inocentes, como brincadeiras, na verdade reproduziam e reforçavam as representações de gênero, sempre marcadas pelas hierarquias sexuais e construção social dos corpos e expressando “a violência simbólica, que é uma forma de poder que se exerce sobre eles diretamente, e, como por magia, sem qualquer coação física.” (Pierre BOURDIEU, 2005, p. 50).

Logo que começou o isolamento, pensava-se que o que estavam chamando de quarentena duraria uns 15 dias, e que a vida voltaria ao normal, por isso na primeira semana circulavam áudios assim:



Negócio é o seguinte, quinze dias trancado dentro de casa, os “homi” que não morrer, a mulher vai matar. Então não adianta, é melhor ficar na rua porque, cê acha que a mulher vai aguentar o caboclo quinze dias dentro de casa. Se o *cabra* não morrer, a mulher mata. Isso aí é a história, negócio é tomar Heineken (cerveja)

A reclamação era o sofrimento de conviver com as companheiras, de participar da rotina e dos afazeres domésticos, e, mesmo que produzida em forma de humor, traz implícito aquilo que é reproduzido de forma automática. Nessas falas as mulheres são tratadas com deboche, desprezo e não merecedoras de respeito, como no texto a seguir:

“Ah, Cláudio, aí tu imagina, marido em casa e mulher enchendo o saco”

\*Imitando voz de mulher\* “Ah, vamos aproveitar esse dia, meu amor, vamos mudar o quarto.”

“Aquele guarda-roupa de oito portas pesado que é o demônio, arrastar embaixo da cama, aquela poeira e aquela sujeira.”

“Imitando voz de mulher” “Ah, vamos virar a posição da cama. Ah, queria tirar as cortinas para lavar, que sol bonito, um dia lindo. Meu amor, vamos dar uma olhadinha no quintal...”

“Já pensou, o cara vai a loucura, o cara vai a loucura! Não, não, ele pede pelo amor de Deus, deixa eu trabalhar, deixa eu trabalhar. Se ele morar num prédio, ele se joga, ah se joga!”

Com o passar dos dias, e percebendo que o isolamento não iria acabar rápido observamos falas nesse sentido:

“Ói, eu já tô *pá* contar as coisas erradas do meu casamento pra minha mulher, que eu não tenho mais assunto com ela, para conversar não, tem hora que eu me atrapalho todo, viu. O bicho tá pegando, e sei não viu, porque eu não conhecia ela... até é boa de proza, que eu nunca tinha conversado com ela não. Até a cozinha de minha casa, que eu não conhecia, eu tô conhecendo agora. Toda hora vou lá”.

O interessante é que, apesar do sentido debochado, e sendo uma fala atribuída a homens, externam a consciência de nunca terem conversado com a própria mulher como uma pessoa, dando a ela esse lugar do “outro”, como observa Simone de Beauvoir (2002, p. 13 e 14), e que



faz parte da forma pela qual essa relação é socialmente estruturada, subordinando as mulheres aos homens. Ao relatar o fato de não conhecer a cozinha da casa, ainda que brincando com isso, está indicando que esse lugar é das mulheres, reproduzindo uma construção social do lugar de homem/ lugar de mulher, ou seja, para eles o espaço público, para elas os afazeres domésticos. Serem privados do espaço público, da rua, dos bares, é causa de muito sofrimento.

**Com os bares fechados  
me peguei conversando  
com a minha mulher.  
Parece gente boa! 😊**

E por outro lado, é interessante observar, que geralmente os homens se colocam como as vítimas, trazendo um discurso do imenso esforço e sofrimento deles em conviver com mulheres, ou de realizar tarefas realizadas por elas, classificadas como chatas e cansativas como demonstra a fala a seguir:

“Rapaz, agora também tem uma coisa, quem não se largar da mulher agora nessa quarentena, o casamento é pro resto da vida. Que agora é teste mesmo, de fogo, tu é doido menino, as bichas tão só enjoando”

Além do estresse e violência causada pela pandemia, que colocou as mulheres dentro das suas casas com os filhos e, muitas vezes, netos, sendo obrigadas a cumprir as oito horas de *home office*, acompanhar as quatro horas de *home schooling*, lavar, passar, cozinhar e a uma exaustiva rotina de faxina e cuidados especiais, somou-se a violência do deboche em base a representações sociais do feminino, reforçando situações extremamente desgastantes. As situações e manifestações



decorrentes da pandemia, eram recriadas para falar do assunto, sempre na mesma tônica.

**Hoje às 20 hrs  
aplausos dos solteiros  
e separados em apoio  
aos casados pelo  
esforço que estão  
fazendo.**

Desfilou nas redes sociais uma vasta coleção de “brincadeiras” preconceituosas com a reprodução de construções de gênero, apresentando o lugar da mulher, a “ajuda” do homem como castigo e piada. As relações domésticas como um fardo para os homens, as mulheres como seres históricos.

**Um amigo meu, em  
quarentena, falou que a  
mulher vive pela casa  
como veio ao mundo.  
Perguntei: peladinha?  
Ele: Não! Aos berros!**



Nos casos de memes que retratavam os homens realizando tarefas domésticas sempre havia a conotação de troca sexual, ou imposição sob ameaça, como, por exemplo, num vídeo em que a mulher aponta uma arma para o marido para ele passar o pano no chão. Nesse caso eles, os homens, são colocados como vítimas, como se o serviço doméstico fosse uma violência contra eles, mas uma obrigação natural para as mulheres. Um dos áudios que selecionamos traz a participação da mulher na produção dele, ajudando a reforçar as construções de gênero, na medida em que também parece brincar com a situação.

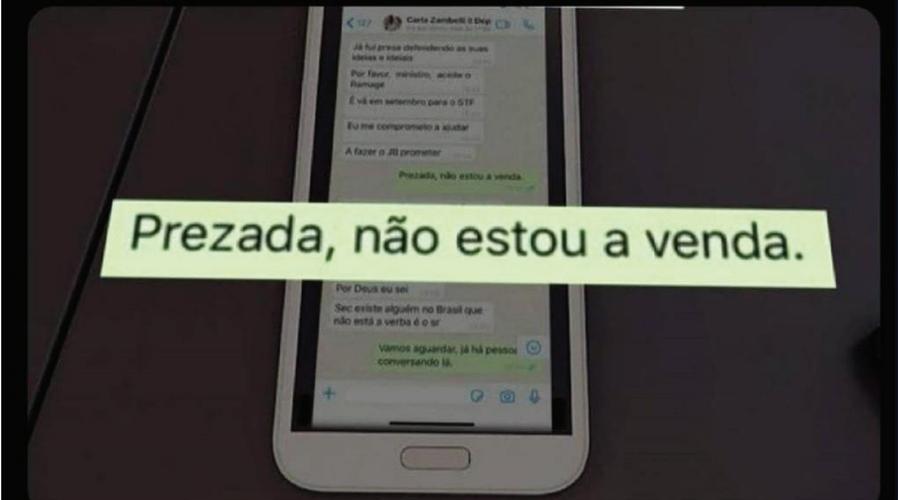
“Pois é, Dalvinha, não sei nem se eu vou abrir, mas acho que vou abrir a loja, que...”  
\*voz no fundo de mulher falando: \_ “Bruno, tu já varreu a casa?”  
\_ “Já, já”  
\_ “Já passou o pano no chão?”  
\_ ” Já”  
\_ “E as louças que tava ali na pia?”  
\_ “Já sequei e já guardei”  
\_ “Ah, já lavou tudin né”  
“Pois é, Dalvinha, \*voz de choro\* eu não sei se vou aguentar esses quarenta dias aqui não, denti casa”

Tais ideias reproduzidas pelo senso comum e incessantemente replicadas nas redes sociais, acabam por reforçar o sentido das práticas o que, conforme observa Pierre Bourdieu (2005), é assimilado pelas próprias mulheres, tendo em vista que são produto da incorporação de relações de poder. Ainda segundo Bourdieu, “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes, fazendo-as assim ser vistas como naturais” (2005, p. 46).

Outras questões, com teor político, econômico, foram sendo incorporadas às questões de gênero como humor, como nos exemplos a seguir:

Minha mulher disse que se eu lavasse a louça inteira durante todo isolamento, ela faria o que eu quisesse.

Eu:





## **BOLETIM DIÁRIO DOS CASADOS EM QUARENTENA**

**Atualizado em: 26/03/2020 20:00hs**

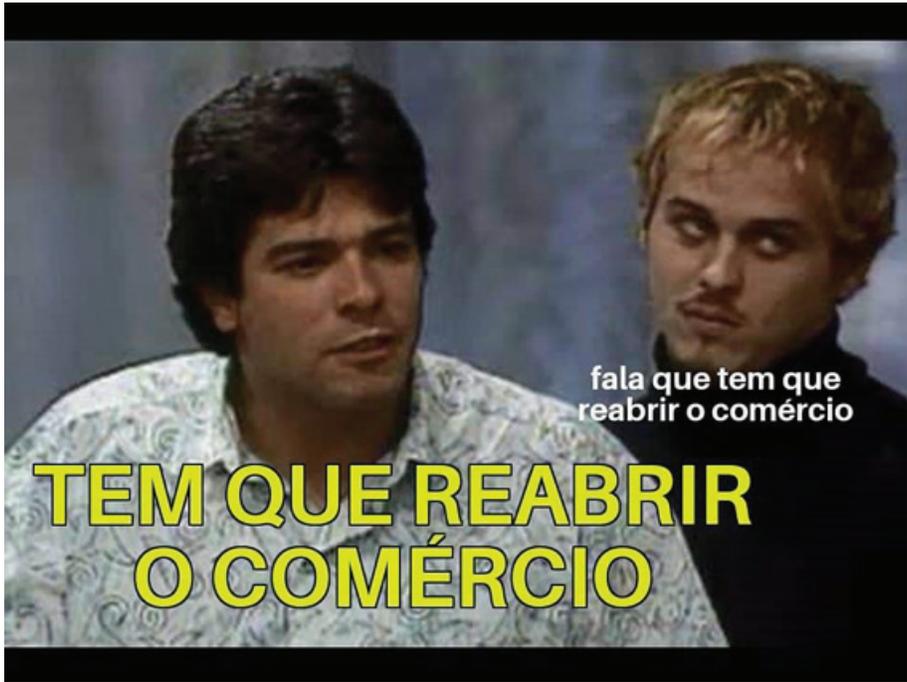
<b>Maridos em Quarentena</b>	<b>12235</b>
<b>Maridos que fizeram sexo</b>	<b>0</b>
<b>Maridos hospitalizados por apanhar da Mulher</b>	<b>837</b>
<b>Maridos que Mulher quebrou o celular</b>	<b>256</b>
<b>Maridos que foram expulsos da casa</b>	<b>1391</b>
<b>Maridos que estão bebendo 12 hs por dia</b>	<b>7642</b>
<b>Maridos que não aguentam mais lavar louça</b>	<b>12235</b>

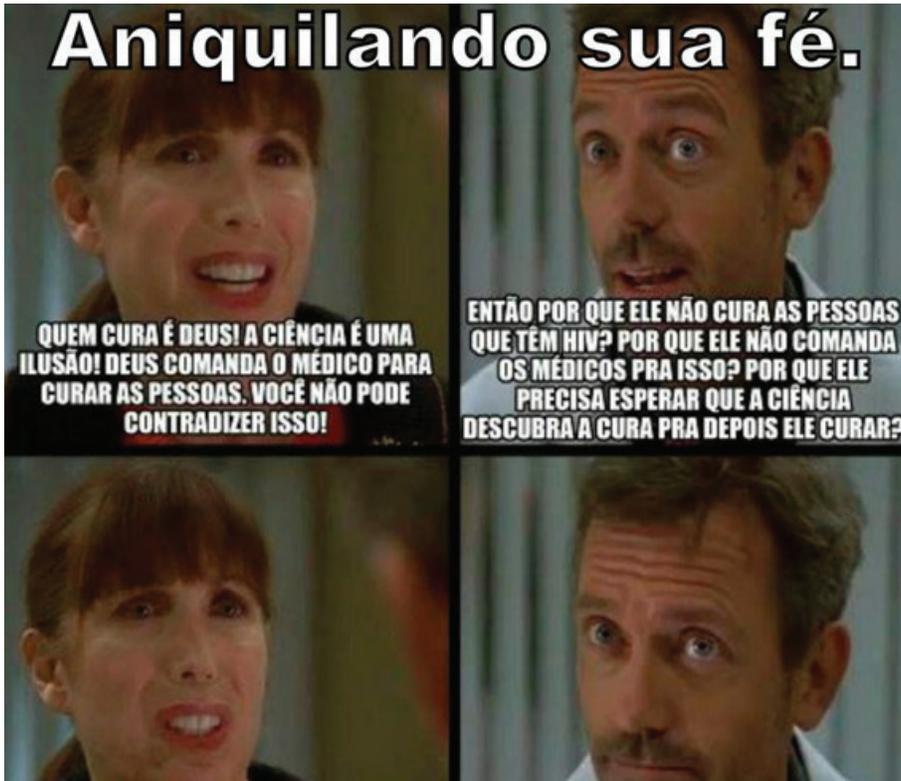


## AS MENSAGENS E A RELIGIÃO

Com relação à religião observou-se um aumento da intolerância religiosa no período posterior à primeira fase da pandemia, especialmente em relação às religiões afro-brasileiras (Matheus LEITÃO, 2021). Porém algumas religiões destacaram a doença como fator purificador, com o poder de melhorar o ser humano (Aline NUNES, 2020), de proporcionar evolução espiritual e reflexões, e ainda uma possibilidade de desenvolver a fraternidade humana (Benedetta CAPELLI, 2022). Alguns dos memes com conotação religiosa que circularam nas redes sociais também tinham esse sentido, o de chamar a atenção das pessoas para se tornarem melhores com a experiência da doença, tornando-se mais espiritualizadas, mais humanizadas.

Observou-se que, na maioria dos casos, as mensagens tiveram uma característica mais geral, sem atacar a essa ou aquela denominação religiosa de maneira explícita. Muito embora o negacionismo apareça relacionando ciência com a religião, e haja memes sobre o tema, a sua abordagem nesse momento não se pautou por agredir alguma prática religiosa. Deus e o diabo foram colocados com seus papéis construídos dentro das concepções cristãs. Muitas notícias de religiosos negacionistas, porém de diversas denominações, e, apesar de relacionarem a religião com a negação da ciência, não há ataque contra Deus, que aparece para falar das falhas dos humanos enquanto o diabo aparece como o provocador, o debochado. Parece-nos que a culpabilização da própria humanidade pela emergência da pandemia acaba sendo o foco das religiões, como observa Ivone Gebara (2020), ou seja, Deus estaria castigando as pessoas por seus erros. Nesse sentido, o medo, o fazer pensar sobre a morte, o enfrentamento da morte é o que aparece como foco, inclusive nos memes, demonstrando a mão pesada de Deus. Por outro lado, Deus seria a única esperança, de modo que se espera que a sua imensa bondade possa ser derramada sobre o povo. Deus aparece como possibilidade de cura diante do espanto e do medo. Não deixa de ser perceptível, contudo, a ironização da política através do recurso a símbolos religiosos.





Observou-se ainda, nesse contexto de memes que relacionam religião e a pandemia, que geralmente a mulher aparece defendendo Deus enquanto o homem é colocado na condição de defensor da ciência, ostentando a sua racionalidade e superioridade intelectual, como se vê no quadro acima.

Não obstante tenham circulado alguns memes de cunho religioso, estes, não continham, na sua maioria, elementos relativos às relações de gênero, mas se ativeram principalmente à questão das visões divergentes quanto ao modo ou políticas de enfrentamento e combate à pandemia. Quanto aos memes relativos às relações de gênero analisados aqui, estes não possuem, aparentemente, qualquer vínculo com a religião. Nos perguntamos, portanto, sobre se há e qual seria a relação entre as ideias veiculadas nesses memes e religião.



É fato que, mesmo sendo o Brasil um país declaradamente religioso e, principalmente cristão<sup>3</sup>, ele está também sujeito ao processo de secularização, o que implica que muitas áreas da vida escapam ao controle da ou das religiões. No entanto, considerando que as religiões e, particularmente, a religião dominante, está sempre entretecida na e com a cultura do contexto no qual está presente, a sua ‘visão de mundo’ permanece por longo tempo subjacente, segue influenciada e influenciando a ordem social e, portanto, a ordem sexual do referido contexto:

...ninguém realmente escapa à crença-traço que merece ser enfatizada especialmente nos dias de hoje, em nosso tempo supostamente sem Deus. Quer dizer, em nossa cultura secular, pós-tradicional, hedonística e oficialmente ateaia, na qual ninguém está pronto a confessar publicamente sua crença, a estrutura subjacente à crença é tanto mais disseminada – todos nós, secretamente, cremos (Slavoj ZIZEK, 2012, p. 11).

Em outras palavras a religião não está fora da dinâmica social contemporânea, nem mesmo nas sociedades secularizadas, mas se insere nela, sendo estruturada e reestruturando continuamente as relações sociais e, portanto, as relações de gênero, e a subjetividade. Elas se constituem e são constitutivas de relações sociais e conflitos que não necessariamente se reduzem a questões de ordem religiosa ou a questões sociais, mas se colocam, não raro, na sua intersecção.

## **NEOLIBERALISMO, CONSERVADORISMO POLÍTICO E RELIGIOSO E A PRODUÇÃO DA FAMÍLIA TRADICIONAL**

A pandemia causada pelo vírus COVID-19 emergiu num momento de grande fortalecimento dos laços entre política e grupos religiosos conservadores e/ou fundamentalistas, os quais vinham sendo construídos desde fins do século XX, em grande parte do mundo ocidental, a partir da reação da direita católica à proposta de inclusão da perspectiva de gênero na Conferência de Pequim em 1995. Ao analisar a situação na

---

<sup>3</sup> As primeiras pesquisas Datafolha de 2022 a nível nacional indicam que 49 % dos/as entrevistados/as se dizem católicos/as e 26% evangélicos. Interessante notar que 14% dos/as entrevistados/as se declararam “sem religião” (BBC News Brasil, 2022).



Colômbia e na América Latina em geral, Maricel Mena-López e Fidel Aristizábal (2018) observam que tal discurso exacerbou, além de católicos, grupos evangélicos “fundamentalistas” que,

unidos a los sectores de extrema derecha en el país, reactivaron el debate en torno a los avances en materia de derechos sexuales y reproductivos de mujeres y personas con orientaciones sexuales e identidades de género diversas y llevando a cabo una verdadera cruzada a favor del modelo hegemónico de familia patriarcal y heterosexual (2018, p. 20,21).

Tido como “o estopim do que se poderia denominar um combate incessante por parte da hierarquia da Igreja Católica ao que esta denominou de ‘ideologia de gênero’” (Naira SANTOS, Fernanda COELHO, 2016, p. 28), no Brasil também tal debate articulou grupos católicos e evangélicos conservadores<sup>4</sup>, ganhando visibilidade principalmente a partir das mobilizações contra a inclusão da diretriz que propunha a superação das desigualdades educacionais, “com ênfase na promoção da igualdade racial, regional, de gênero e de orientação sexual” no Plano Nacional de Educação de 2010. O plano foi finalmente aprovado em 2014, após a exclusão de tais diretrizes.

Sob o argumento de que gênero constituía uma ameaça contra a família, pois subverteria a sexualidade e a família “natural”, esses setores apostaram fortemente nos sentidos objetivados, portanto dominantes, de sexo e família, para encamparem sua luta contra a discriminação das desigualdades de gênero e de orientação sexual e, não esqueçamos, contra a discriminação das desigualdades étnico-raciais e regionais (Sandra SOUZA, 2014, p. 197).

---

<sup>4</sup> Cabe destacar que, devido ao fato de constituírem religiões majoritárias e face à capilaridade institucional e cultural católica e à forte presença de evangélicos nas mídias, televisiva e nas redes sociais, as alas conservadoras destes grupos constituem efetivamente os principais articuladores e de maior visibilidade dessa campanha antigênero. Contudo, ela articula também segmentos conservadores de outras religiões, presentes no cenário religioso brasileiro. É importante observar também que, embora procurem apelar “para um ator coletivo, supostamente homogêneo” (Sandra Duarte de Souza, 2013, p.187) não há um bloco único entre evangélicos e nem mesmo entre católicos. Em ambos os grupos religiosos verifica-se a presença de correntes conservadoras, fundamentalistas ou integristas, como também de correntes progressistas e liberais.



Embora se coloque na contramão de mudanças que já vinham se operando na assim chamada família “natural” ou “tradicional” e que grupos religiosos conservadores pretendem conter, esse modelo que na realidade não tem fundamento bíblico como estes alardeiam (Maricel MENA-LÓPEZ, Fidel ARISTIZÁBAL, 2018), mas se apoia na moderna família nuclear burguesa, que atinge seu auge no século XIX, encontra eco nas searas do capitalismo neoliberal (Fernanda COELHO, Tainah DIAS, 2020; Ana BOSCATI, Anna AMORIM, 2021). Não propriamente em virtude de aspectos morais, mas porque esse modelo possibilita “submeter as conquistas do Estado de bem-estar social à lógica do mercado” (Ana BOSCATI, Anna AMORIM, 2021, p. 28) e remeter à esfera familiar, mais particularmente às mulheres, a responsabilidade pela conciliação entre trabalho remunerado e as tarefas domésticas, bem como pelo cuidado dos/as filhos/as e de idosos/as. Como apontam Helena Hirata e Danièle Kergoat (2007):

Como o trabalho doméstico nem sempre é levado em conta nas sociedades mercantis, e o envolvimento pessoal é cada vez mais solicitado, quando não exigido pelas novas formas de gestão de empresas, essas mulheres para realizar seu trabalho profissional precisam externalizar “seu” trabalho doméstico. Para isso, podem recorrer à enorme reserva de mulheres em situação precária (2007, p. 601).

Cabe destacar que o trabalho doméstico remunerado é exercido predominantemente por mulheres, geralmente pobres e (i)migrantes (Helena HIRATA, Danièle KERGOAT, 2007).

A perspectiva neoliberal/conservadora é sustentada, no plano político, também pelas chamadas bancadas ruralista e armamentista, enquanto no plano religioso, o embate em torno da defesa da família e a demonização das pautas de gênero e direitos sexuais (Fernanda COELHO, Tainah DIAS, 2020), contribuíram para que o apelo à identidade religiosa fosse se constituindo, cada vez mais, como um capital eleitoral (Sandra SOUZA, 2013).

É num cenário de fortes embates entre setores progressistas e liberais que se dá, em 2018, a eleição de Jair Bolsonaro à presidência, o qual personifica, através de seus próprios posicionamentos político-



-ideológicos e de sua equipe ministerial, a aliança entre vertentes neoliberais, da direita política e do conservadorismo religioso (católico e evangélico). Embora se declare católico, o seu batismo no Rio Jordão pelo pastor Everaldo Dias Pereira e o fato de sua atual esposa Michelle Bolsonaro e alguns de seus filhos se declararem evangélicos, lhe garantiram o apoio de parcela expressiva de evangélicos de corte conservador, particularmente a partir de pastores com grande visibilidade na mídia. Expresso nos refrãos “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos” e “Deus, Pátria, Família”, seu projeto de poder, tendo por base o medo e a construção de um inimigo comum, encontrou forte respaldo na pauta moral de grupos católicos e evangélicos conservadores. Erigindo-se ele mesmo em defensor “da família”, professa um modelo único e idealizado de família, branca, heterossexual e, mais do que sexista, de corte patriarcal, o que pode ser claramente identificado nas suas inúmeras declarações públicas, de cunho racista e misógeno, muitas feitas antes mesmo de chegar à presidência, conforme alguns exemplos a seguir:

Março de 2011:

Ô Preta, eu não vou discutir promiscuidade com quem quer que seja. Eu não corro esse risco porque meus filhos foram muito bem educados e não viveram em ambientes como lamentavelmente é o teu (UOL, 2019).

Junho de 2011:

Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui: prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí. Para mim ele vai ter morrido mesmo (UOL, 2019).

Dezembro de 2014, em entrevista ao jornal Zero Hora

Eu tenho pena do empresário no Brasil, porque é uma desgraça você ser patrão no nosso país, com tantos direitos trabalhistas. Entre um homem e uma mulher jovem, o que o empresário pensa? ‘Poxa, essa mulher está com aliança no dedo, daqui a pouco engravida, seis meses de licença-maternidade’(UOL, 2019).



Dezembro de 2014, em referência à deputada Mara do Rosário (PT-RS)

Ela não merece (ser estuprada) porque ela é muito ruim, porque ela é muito feia, não faz meu gênero, jamais a estupraria. Eu não sou estuprador, mas, se fosse, não iria estuprar porque não merece. (UOL, 2019).

Dentre os exemplos mais recentes destacamos a sua declaração, em entrevista dada num *podcast* no dia 14 de outubro de 2022, de que “pintou um clima” ao encontrar adolescentes venezuelanas numa comunidade que abriga refugiados/as, insinuando inclusive que estas estariam se prostituindo.

Ficam evidentes nesses posicionamentos as características do que Paul Preciado (2018) define como o novo sujeito hegemônico:

[...] é um corpo, (frequentemente codificado como masculino, branco e heterossexual) farmacopornograficamente suplementado (pelo Viagra, pela cocaína, pela pornografia etc) e consumidor de serviços sexuais pauperizados (frequentemente exercidos por corpos codificados como femininos, infantis ou racializados) (2018, p. 50,51).

Com efeito, os memes retratam esse modelo de família, constituído exclusivamente de casais heterossexuais, reproduzem ideias sexistas, retratam a desigualdade na distribuição do trabalho doméstico e a dupla moral sexual (“depois de uma semana de confinamento, já tem marido transando com a própria esposa”). Tais representações, impregnadas na cultura e nas relações sociais, ganham ainda mais expressão ao serem continuamente reproduzidas por líderes religiosos e pela mais alta autoridade política do País.

A defesa desse padrão traz reais consequências para as mulheres, a partir do

rechazo y polarización política y religiosa del término, en sectores católicos y evangélicos, que ven al género como una ideología que pone en peligro la constitución de la estructura binaria, que há caracterizado a la humanidad durante siglos. De esta forma se desconoce la manera assimétrica en que se establecen las relaciones entre hom-



bres y mujeres, en función de las características biológicas pensadas como una naturaleza fija (Maricel MENA-LÓPEZ, Fidel ARISTIZÁBAL, 2018, p.21).

O ataque e menosprezo de Bolsonaro às mulheres em geral, ganham contornos bem violentos em relação a mulheres pobres. Como observa Erick Santos (2022), que compilou os discursos de Jair Bolsonaro nos seus 28 anos de mandato enquanto deputado, o tema mais tratado por ele, de 1991 a 2013, foi o controle da natalidade, defendendo inclusive o uso da “pílula do aborto”, a fim de evitar a “proliferação de miseráveis” e argumentando também que, devido à subnutrição, dos 800 mil homens recrutados para o serviço militar obrigatório, apenas 200 mil são considerados aptos, de modo que “de nada adiantam nossas convicções religiosas, políticas ou filosóficas, quando está em jogo, sem dúvida, uma questão bem mais grave e que, de fato, interessa à segurança nacional” (Jair Bolsonaro DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL, 1992, p. 6096).

Não estamos aqui nos manifestando contra a livre escolha de interrupção de gravidez e/ou do uso de métodos contraceptivos, mas apenas apontando que as práticas então defendidas por Bolsonaro são condenadas pela hierarquia católica conservadora. Contudo, embora nem todos os posicionamentos de Jair Bolsonaro se coadunem necessariamente com a moral religiosa de grupos conservadores, ele pretende ser, paradoxalmente, perfeita expressão de modelo família preconizado por estes, e apesar de ou inclusive por ter tido vários casamentos ao longo de sua vida. Pode-se até mesmo inferir que é exatamente pela demonstração de um machismo exacerbado que ele segue sendo associado à proteção da família tradicional contra o “marxismo cultural”, que seria propagado por diversos atores “inimigos” – partidos de oposição, professores, universitários, dentre outros- que, este sim, teriam planos de implementar uma política sexual contrária à “família”. Como observa Sandra Duarte de Souza, “o rompimento dos padrões normativos das relações sociais de sexo e da sexualidade pelo feminismo é interpretado como uma ameaça contra o cristianismo e, por consequência, contra a sociedade” (2014, p. 198).

No contexto da pandemia, se por um lado o vírus “não faz mais do que replicar, materializar, intensificar e estender a toda a população as



formas dominantes da gestão biopolítica e necropolítica que já estavam trabalhando no território nacional e em suas fronteiras”, por outro lado, “a gestão política das epidemias põe em cena a utopia da comunidade e as fantasias de imunidade de uma sociedade, exteriorizando seus sonhos de onipotência (e os fracassos retumbantes) de sua soberania política” (Paul PRECIADO, 2020, s/p).

Com efeito, a partir mesmo dos embates e medidas do governo federal no que concerne à gestão (necropolítica) da pandemia, ampliam-se as fantasias de imunidade das famílias ditas “de bem” contra as pautas feministas e de direitos sexuais, inclusive pelo combate feroz ao debate de tais pautas nas escolas e universidades. Tal imunização é performada pelo presidente, através da reafirmação constante de discursos e atitudes que atestariam que a masculinidade e a virilidade confeririam uma proteção especial contra o vírus. Ela não só protegeria aqueles que se expõem ao risco de contaminação pela Covid 19, como essa atitude em si constituiria prova de virilidade. Assim, se as desigualdades de gênero, de raça e em torno da orientação sexual já se faziam presentes no cenário brasileiro, no contexto da pandemia Covid-19 elas tomam efetivamente uma nova dimensão, ainda mais misógena e violenta, o verdadeiro vírus a infectar a vida e as relações na sociedade brasileira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As primeiras mensagens que circularam no Brasil, apareceram por volta do dia 17 de março, logo no início do período de isolamento. Tinham a mesma característica a do deboche com relação à condição de sofrimento dos homens por terem que permanecer em casa com a esposa e filhos. A realização de atividades domésticas, a companhia da esposa e dos filhos, era algo muito opressor e desprestigiado.

Apesar de serem disseminadas como se fossem piadas, essas “brincadeiras” reproduzem construções extremamente violentas das relações entre os sexos, explicitando construções sociais de gênero. Esse discurso, que expõe o ódio, é sempre efetivo e não se pode minimizar as suas consequências, que fazem com que o sujeito da ação seja colocado em local de subordinação.



No primeiro momento o foco maior dos memes eram as relações de gênero. Os homens eram instigados a fugirem dessa “opressão”, dessa situação desagradável causada pela pandemia. Com o passar dos dias, diante do aumento dos casos de mortes decorrentes da contaminação por COVID-19, há um arrefecimento na circulação desses memes. Contudo, permaneceram as denúncias do aumento da violência doméstica e a constatação da sobrecarga com os trabalhos domésticos e cuidados com os idosos da família, somadas às atividades de nome bonito que se deu ao *home office* e *home schooling*, exigindo adaptação do espaço doméstico para atender essas demandas.

Esses memes explicitam, portanto, conflitos que perpassam as relações familiares e as relações sociais de sexo, conflitos esses decorrentes das desigualdades de gênero, da misoginia e do sexismo que conformam a cultura dominante. Embora não tratem diretamente da religião, o conteúdo deles é atravessado por visões de mundo religiosas, que nem sempre se reduzem a questões de ordem religiosa, mas se colocam na intersecção entre o religioso e o secular, se reproduzindo e se recriando de forma dinâmica na cultura e nas relações sociais. Se as relações familiares e questões de ordem moral sempre foram temas privilegiados das religiões, elas ganharam grande centralidade a partir da batalha, de caráter mundial, contra a que foi denominada pela direita católica de “ideologia de gênero” e que articulou a extrema direita também no campo político. Tal embate ao qual grupos evangélicos conservadores se juntaram e deram grande visibilidade no Brasil, teve por alvo a construção de um modelo de família “natural”, imune a possíveis efeitos das pautas feministas e por direitos sexuais.

Com efeito, a articulação entre neoliberalismo, conservadorismo político e religioso observada nos últimos anos no contexto brasileiro, deu lugar para a reprodução e reforço de ideias de caráter misógino, sexista e racista/xenófobo, tendo em vista o objetivo de garantir a “imunidade” da família tradicional e a manutenção da divisão sexual do trabalho. A repetição do lema “Deus, Pátria, Família” pelo presidente Jair Bolsonaro fez dele o ícone, símbolo desse ideal preconizado pelo conservadorismo religioso. A violência que subjaz a tal concepção de família transparece nas próprias falas do presidente Jair Bolsonaro.



Observa-se, de fato, que as suas palavras reproduzem ideias de violência e abuso sexual, revelam profundo menosprezo e ódio pelas mulheres, vistas como inferiores, subalternas; expressam menosprezo e ódio por homossexuais e pessoas pobres, negras e estrangeiras. Nesse cenário, a unificação das esferas da produção e da reprodução num mesmo local não eliminou a divisão sexual do trabalho, mas a acirrou, verificando-se também um aumento da violência doméstica.

Ainda que com um caráter menos agressivo, dado que se apresenta em forma de humor, o conteúdo dos memes selecionados dissemina tais paradigmas, reproduzindo violências de gênero, concepções misóginas e sexistas que perpassam a construção da família preconizada por grupos religiosos conservadores e expressas pelo presidente Jair Bolsonaro, uma verdadeira pandemia de vírus do machismo. Se tal realidade expressa um enorme retrocesso, ela aponta também para a urgente necessidade de avançar na implementação de políticas de igualdade social, de classes, assim como de gênero, racial e de orientação sexual, como havia sido explicitada na diretriz que foi excluída do Plano Nacional de Educação, por ação de grupos religiosos conservadores.

## REFERÊNCIAS

BBC News Brasil, 2022. Thaís Carrança. **Jovens ‘sem religião’ superam católicos e evangélicos em SP e Rio**. 9 maio 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-61329257#:~:text=As%20primeiras%20pesquisas%20Datafolha%20de,a%2025%25%20em%20C3%A2mbito%20nacional.> . Acesso em: 25, out./2022.

BBC News Brasil, 2020. Por que o coronavírus está matando mais homens que mulheres? 8 abr. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-52209630>. Acesso em: 16, ago./ 2021.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 2002.

BOLSONARO, Jair. **Diário do Congresso Nacional** (Seção I). abr/1992, p.6095-6096. Disponível em: <http://imagem.camara.gov.br/Imagem/d/pdf/DCD04ABR1992.pdf#page=81>. Acesso em: 28, out./ 2022.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 2005.

BOSCATTI, Ana Paula Garcia; AMORIM, Anna Carolina Horstmann. Economia moral da saliva: Bolsonaro, Covid-19 e as políticas do contágio no Brasil. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 41(2), p. 23-48, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/irs/a/QhPgftVbbgdfB3tWjVGJmsB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 23, out./ 2022.



- BUTLER, Judith. **Discurso de ódio**: uma política do performativo. Unesp. São Paulo. 2021.
- CAPELLI, Benedetta. Líderes religiosos em Cabo Delgado: a fé cria paz e reconciliação. *In: Vatican News*. n. 12. jan/2022. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2022-01/lideres-religiosos-em-cabo-delgado-paz-e-reconciliacao.html>. Acesso em: 05, fev./ 2022.
- COELHO, Fernanda Marina Feitosa; DIAS Tainah Biela. A defesa da família no debate do Plano Nacional de Educação (PNE): os evangélicos e a demonização do gênero. **Mandrágora**, v. 26, n. 1, p. 157-178,2020. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/MA/article/view/10295/7254>. Acesso em: 21, out./ 2022.
- COLLING, Ana. A Construção Histórica do Feminino e do Masculino. *In: Marlene N. Strey Sonia T. Lisboa Cabeda, Denise R. Prehn (orgs.). Gênero e Cultura, Questões Contemporâneas*. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2004, p. 13-38.
- CONTE, Bárbara. Feminilidade: destino da sexualidade frente ao masoquismo. *In: Fernando Kunzler; Bárbara Conte (orgs.). Pensando a violência*. Editora Escuta. São Paulo. 2005, p. 95-108.
- GEBARA, Ivone. Religião e pandemia COVID-19. IHU- Instituto Humanitas Unisinos. Jun/2020. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/600224-religiao-e-a-pandemia-covid-19-artigo-de-ivone-gebara>. Acesso em: 05, fev./ 2022.
- GUERREIRO, Clayton; ALMEIDA, Ronaldo de. Negacionismo religioso: Bolsonaro e lideranças evangélicas na pandemia Covid-19. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 41(2), p.49-73, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/4JrSBZDRqG8c9RJzCfxz4BN/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 22, out./ 2022.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo. A emergência do cuidado: nomear, reconhecer, obscurecer *In: Nadya Araujo GUIMARÃES; Helena Sumiko HIRATA. O Gênero do Cuidado: Desigualdades Significações e Identidades*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020, p. 53-90.
- GUIMARÃES, Nadya Araujo; HIRATA, Helena Sumiko. O cuidado e o emprego doméstico: interseccionando desigualdades e fronteiras. *In: Nadya Araujo GUIMARÃES; Helena Sumiko HIRATA. O Gênero do Cuidado: Desigualdades Significações e Identidades*. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2020, p. 129-160.
- HILLESHEIM, Betina. Trabalho Doméstico: “o Serviço de Sempre”. *In: Marlene N. Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda e Denise R. Prehn (orgs.). Gênero e Cultura, Questões Contemporâneas*. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2004, p. 39-52.
- HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle (tradução Fátima Murad). *In: Cadernos de Pesquisa*, v. 37, n. 132, set./dez. 2007, p.595-609.
- LEITÃO, Matheus. O aumento da intolerância religiosa. VEJA. 1 ago.2021. Disponível em <https://veja.abril.com.br/coluna/matheus-leitao/o-aumento-da-intolerancia-religiosa/>. Acesso em: 05, fev./ 2022.



MENA-LÓPEZ, Maricel; ARISTIZÁBAL, Fidel Mauricio Ramírez. Las falacias discursivas en torno a la ideología de género. *EX ÆQUO*, n.º 37, 2018, pp. 19-31. Disponível em: <https://doi.org/10.22355/exaequo.2018.37.02>. Acesso em: 06, abr./ 2019.

MELLO, Silvana. Mulher, Empoderamento e legado. Oficina Raquel, Rio de Janeiro, 2020.

NUNES, Aline. A fé explica: as respostas das religiões sobre a pandemia do coronavírus. *A Gazeta/cotidiano*. 23 mai.2020. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/a-fe-explica-as-respostas-das-religoes-sobre-a-pandemia-do-coronavirus-0520>. Acesso em: 05, fev./ 2022.

PEREIRA, Verbena Laranjeira. Gênero: Dilemas de um Conceito. In: Marlene N. Strey, Sonia T. Lisboa Cabeda e Denise R. Prehn (orgs). **Gênero e Cultura, Questões Contemporâneas**. EDIPUCRS. Porto Alegre, 2004, p. 173-198.

PRECIADO, Paul Beatriz. Aprendendo com o vírus. *AGB Campinas/geral*. 28/03/2020. Publicado em *El País* em 28/03/2020. Tradução: Gustavo Teramatsu e Wagner Nabarro. Disponível em: <https://agbcampinas.com.br/site/2020/paul-b-preciado-aprendendo-com-o-virus/>. Acesso em: 23, out./ 2022.

\_\_\_\_\_. **Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica**. São Paulo: n-1 edições, 2018.

SAFFIOTI, Heleieth. Gênero e Patriarcado. Violência contra as Mulheres. In: Gustavo Venturini, Marisol Recamán e Suely de Oliveira (orgs.). **A mulher brasileira nos espaços público e privado**. Editora Fundação Perseu Abramo, São Paulo, 2004, p. 43-60.

SANTOS, Erick. Conversa no **Twitter**. 21 out. 2022. Disponível em: [https://twitter.com/Az8\\_Dio\\_Liva/status/1583504301196210176?ref\\_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1583504301196210176%7Ctwgr%5E5dac7e09dd4c6a4aef2e4e33bf7af288e8220c63%7Ctwcon%5E1\\_c10&ref\\_url=https%3A%2F%2Fjogodopoder.com.br%2F75865-2%2F](https://twitter.com/Az8_Dio_Liva/status/1583504301196210176?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1583504301196210176%7Ctwgr%5E5dac7e09dd4c6a4aef2e4e33bf7af288e8220c63%7Ctwcon%5E1_c10&ref_url=https%3A%2F%2Fjogodopoder.com.br%2F75865-2%2F). Acesso em: 28, out./ 2022.

SANTOS, Naira Pinheiro dos. **Gênero, religião e cultura organizacional: uma perspectiva comparativa entre Brasil e França**. 1. ed. São Paulo: Edições Terceira Via; Universidade Metodista de São Paulo, 2018. 265 p.

SANTOS, Naira Pinheiro dos; COELHO, Fernanda Marina Feitosa A mobilização católica contra a “ideologia de gênero” nas tramitações do Plano Nacional de Educação brasileiro. **Religare**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB, v. 13, n. 1, p. 27-48, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/30798>. Acesso em: 21, out./ 2022.

SANTOS, Naira Carla Di Giuseppe Pinheiro dos. Valores contraculturais e responsabilidade sócio-ambiental na sociedade pós-industrial. **Revista Nures** (Online), n. 12, p. 1-10, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/7362/5358>. Acesso em: 22, out./ 2022.

SOUZA, Sandra Duarte de. “Não à ideologia de gênero” A produção religiosa da violência de gênero na política brasileira. In: *Estudos de Religião*, v. 28, n. 2, p. 188-204, jul/dez



2014. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/5454>. Acesso em: 21, out./ 2022.

SOUZA, Sandra Duarte de. Política religiosa e religião política: os evangélicos e o uso político do sexo In: Estudos de Religião, vol. 27, n. 1, p. 177-201, Jan-/jun. 2013. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/ER/article/view/4160/3622>. Acesso em: 21, out./ 2022.

TORRES, Ton. O fenômeno dos memes. **Ciência e Cultura**, v. 68, n. 3, p. 60-61, jul/set 2016. Disponível em: [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252016000300018](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252016000300018). Acesso em: 25, nov./ 2022.

UOL Congresso em foco. **Treze frases de Bolsonaro de natureza sexual e machista**. 13 ago. 2019. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/treze-frases-de-bolsonaro-de-natureza-sexual-e-machista/>. Acesso em: 21, out./ 2022.

VEJA SAÚDE. Uma onda de doenças mentais vem com a Covid-19. Precisamos agir já! **Veja Saúde**. 19 ago., 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/coluna/com-a-palavra/uma-onda-de-doencas-mentais-vem-com-a-covid-19-precisamos-agir-ja/>. Acesso em: 22, mar./ 2022.

WOOLF, Virginia. **Sobre Estar Doente**. Editora Nós, São Paulo, 2021.

ZIZEK, Slavoj. **O amor impiedoso** (ou: Sobre a crença). Tradução: Lucas Melo Carvalho Ribeiro. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

Submetido em: 11-2-2022

Aceito em: 27-11-2022